

Luiz Antonio Aguiar

PALAVRAS





“Se uma imagem vale por
mil palavras,
uma palavra pode trazer
à imaginação
um número infinito
de imagens...”

Faz um bocadinho de tempo que o primeiro incidente aconteceu.

Ele se chamava Goíshe. Tinha 14 anos na ocasião.

Nunca tivera maiores problemas na vida. Nem jamais percebera qualquer pista que mesmo levemente lhe sugerisse possuir o que alguns chamam de poderes paranormais. E que outros chamariam de “sobrenaturais”. E que outros não chamam de nada, pois simplesmente desconsideram que isso possa existir e acham se tratar de invenção, imaginação, fantasia, mentira, embuste... E outros, ainda, nem falam a esse respeito por sentirem medo. Têm suas razões.

Seja como for...

Paranormal ou sobrenatural, nem uma nem outra expressão se encaixavam em Goíshe, nem no que ele conhecia de si mesmo.

Era um garoto comum, com vida normal e desejos medianos. Goleiro, no time do clube. Um bom número de amigos. Nenhum muito amigo. Ainda não havia tido uma namorada, mas tinha essa vontade também. No mais, era o que era, e estava satisfeito com isso, se é que pensava nisso, quer dizer, se estava ou não satisfeito com a vida.

Por isso foi mais espantoso, principalmente para ele, o que lhe aconteceu no primeiro dia depois do Natal, quando saiu às ruas, seco para usar a máquina fotográfica digital que havia ganhado – sua própria máquina fotográfica, como pedira.

Podia ter pedido um celular com uma câmera ultra-ultra, como todo mundo usava, mas não. Tinha dessas esquisitices. Queria uma máquina fotográfica ultra-ultra, para poder tirar fotos, que ele já imaginava, dentro de sua cabeça, como ficariam.

Queria! Foi o que pediu de Natal. E ganhou a tal máquina.

Mas... se deu conta de que o equipamento funcionava de modo diferente do que ele esperava. Ou melhor, não funcionava.

Não para tirar as fotos que ele queria.

Ou o problema não foi o equipamento, mas o fato de ter levado, no bolso da bermuda, um bloco de espiral, sem pauta e ainda sem anotações, novinho, portanto, e uma caneta. Não sabia por que os colocara no bolso. Achara legal o bloco e a caneta, ali juntos, em cima da sua mesa, e resolvera levá-los.

Tinha dessas esquisitices, como já foi dito.

Lembro que era uma caneta ordinária, assim como o bloco de espiral. E não teria por que culpar também aquele bloco e aquela caneta, se ambos não houvessem tido uma função, ou seja, se não tivessem uma participação importante no mistério que logo iria estrear na vida de Goíshe. Um episódio especial que ocorreu logo quando ele tirou a primeira foto: um pipoqueiro, trabalhando em seu carrinho, fazendo transbordar uma leva generosa de pipocas de sua panela de óleo quente. Pipoqueiro esse que estava sempre ali, todas as tardes.

Aconteceu junto ao Chafariz das Garças (as aves eram de bronze e o chafariz, muito, muito antigo). Era onde se postara o pipoqueiro, e Goíshe foi indo na direção dele, foi indo, sem ele notar e *click*.

Só que, ao conferir a foto no visor – sua primeira foto com a máquina nova, e ele a queria ver logo, ansioso, feliz –, descobriu que a câmera nada tinha registrado. Goíshe pensou que houvesse algum problema com a maquininha, que não havia feito qualquer coisa direito, algo assim. Então, percebeu o que descreveria como uma “vibração” rápida no bolso, como se um celular tivesse acabado de receber uma mensagem.

Mas ele não tinha celular, nem nada naquele bolso, a não ser o bloco e a caneta, ambos ordinários.

Enfiou a mão no bolso, sacou o bloco e abriu-o. Espantado, leu as primeiras linhas. Era a sua letra. E as palavras

estavam escritas com aquela caneta, embora poderia ter sido qualquer outra, já que, como também ficou dito, era uma caneta ordinária, barata.

No que leu a página no bloco de espiral, Goíshe desviou os olhos, num chicote de puro reflexo, examinou a cena que fotografara, ou melhor, a foto que quis fazer do pipoqueiro – o cheiro que as pipocas espalhavam no ar, como se o estivesse envolvendo de propósito –, voltou os olhos para o bloco e leu de novo aquelas primeiras linhas. E algumas das seguintes.

– Cadê minha foto? – indagou, com o rosto branco, sem saber a quem dirigia a sua perplexidade.

E pensou: “Só eu mesmo, para ganhar de Natal uma câmera que queria tanto, e a porcaria vir quebrada. Novinha... e quebrada!”.

E no bloco estava escrito:



Cheiro de pipoca amanteigada

Ai, que esse cheiro me chama!

Ai, que esse cheiro me faz fechar os olhos e imaginar as pipocas na panela, querendo saltar pro mundo. E ver todas elas, saindo em festa, feito nuvem, da quentura de lá... E pensar nelas se roçando, se acotovelando no saquinho. E pegando sal, se embolando nesse sal e se melando mais ainda na manteiga.

Nem preciso morder, e só o cheiro já me bota um punhado delas na boca. Antes mesmo de ter o saquinho nas mãos, sinto o gosto bom, gosto gostoso, dentro da boca. Escorrendo, descendo, grudando na minha boca.

Gosto imaginado deve ser melhor do que gosto engolido. Acho que sim. Gosto amanteigado. Pipoca. Pipoca. Pic-poc! Pic-poc!

Não tem nada mais alegre do que pipoca. Não tem nada com mais gosto de carinho do que pipoca amanteigada. Quero triturar, crunchar essas pipocas entre os dentes lá de trás da boca. E sentir o salgado amanteigado delas misturar-se à minha saliva.

Pipoca na manteiga! Pipoca na manteiga!

Ver pipoca amanteigada tem cheiro de pipoca amanteigada, tem o gosto. Sinto o gosto dela ao vê-la. A ponta dos meus dedos fica coçando, querendo ficar com um restinho besuntado na mão. Eu querendo lamber meus dedos. Botar na boca, sugar. Pipoca amanteigada. Cheiro de pipoca amanteigada. Gosto de pipoca amanteigada. Besuntação de pipoca amanteigada. Fechar os olhos e gostar, gostar, gostar de pipoca amanteigada.

Que gostoso que é! Que gosto que já sinto! Quero pipoca! Quero vocês, pipocas, quero e quero! Pipoca amanteigada, quero e quero vocês!

Esta foi a primeira foto que Goíshe tirou em sua câmera nova, e que não saiu, mas foi assim que tudo começou.

Como já relatado, Goíshe era goleiro no time do seu clube, o Clube Arvoredo. E nisso era muito bom. Agarrava umas bolas impossíveis. Tanto que seus companheiros de time brincavam que ele era um E.T., o "E.T. Voador". Porque diziam que as defesas dele eram "de outro mundo".

Ele gostava dessas brincadeiras. Sentia-se orgulhoso delas. Aliás, era a coisa, até então, de que sentia mais orgulho no mundo.

Pênalti, então, era com ele mesmo. Cravava o olhar na bola – feito como viu fazer seu ídolo na TV, um goleirão negro, alto, estilo clássico, carecão, cara sempre séria, su-

perelegante, que agarrou num time do Brasil, da Itália e na Seleção... – e nem piscava. Goíshe o imitava.

Era assim... Ele não queria saber do jogador que ia bater. Não olhava para ele. Se o cara provocasse, tentasse enganar, não estava nem aí. Seu negócio era a bola. Esvaziava a cabeça, ficava frio, absolutamente calmo. Concentrado na bola. Jamais escolhia canto, não tentava adivinhar. Nunca saltava antes de o adversário chutar. Assim, o cara não tinha aquele mole de bater no outro canto... goleiro para um lado e bola de chapa no outro, nunca. O cara que ia bater ficava com a responsabilidade de decidir o canto. E, se batesse mal, ele sempre agarrava. Deixava seus reflexos tão conectados com a bola que, quando a bola partia, chutada pelo adversário, ele voava. E precisava ser uma batida perfeita, sim, para vencê-lo. Tinha jogador que ficava roendo as unhas, nervoso. Já havia acontecido até de um artilheiro ter um ataque doido de coceira, ao bater pênalti contra ele. Bateu de bico no canto direito, embaixo, e o E.T. Voador agarrou.

– Goleiraço! – o técnico se admirava. – Puxa, que calma; tem água gelada nas veias! Para essa idade, tão novo ainda... Imagine quando ficar adulto, quando espichar de vez, ganhar músculos, mais técnica, mais experiência... Imagine! – ele dizia, satisfeito e orgulhoso também de tê-lo no seu time.

E Goíshe não era desses caras que só ficavam falando em futebol, no lance de ser goleiro, nos jogos de que participou, nas bolas que agarrou. Nem era desses que, em qualquer conversa, dava sempre um jeitinho de trazer seu assunto de estimação para o primeiro plano. Nada disso.

Em geral, era um garoto calado, meio tímido demais – ele mesmo achava, e se chateava com isso. Quando queria dizer alguma coisa importante, quase sempre engasgava e as palavras lhe fugiam – o que torna ainda mais esquisita essa história toda, da máquina, do Chafariz, do que aparecia

escrito no bloco com a caligrafia dele, e ele jurando que não tinha escrito nada... Essa maluquice toda.

Mas, sentia, sim, orgulho de ser tão bom goleiro. De o time confiar nele. De ter até uma pequena torcida no clube – seus fãs. Ele nunca os chamava assim, mas tinha um pessoalzinho, uma meninada menor, que se declarava, sim, fã do “E.T. Voador”.

Era essa a sua fama, e era só isso que tinha de extraordinário.

Até começar essa história da máquina fotográfica que não fotografava e das palavras que surgiam no bloco de espiral.

* * *

Tinha ainda *o segredo*. O maior segredo de Goíshe, que jamais contara para alguém. Acreditava que iam achar besteira se contasse. Que iam rir dele, achar ele bobo. Coisa de criança.

Então guardava o segredo, até aparecer alguém com quem pudesse dividi-lo. Se é que ia aparecer alguém assim...

Era um segredo que – isso ele havia descoberto – o ajudava a ficar mais calmo ainda, na hora do pênalti. Bastava o adversário botar a bola na marca, junto à linha da área, e Goíshe pensava em seu segredo, e refletia em como o mantinha tão secreto, seguro, somente para si.

E o tal segredo é que ele não sonhava em se tornar goleiro profissional. Seu sonho, o que até fazia seus olhos se umedecerem, quando pensava nisso – e só pensava quando estava sozinho, para ninguém lhe adivinhar o segredo, nem ver seus olhos se umedecerem –, era se tornar um mágico, desses de palco, abracadabra e público abismado.

Seu avô (pai do seu pai) fora mágico a vida toda. Costumava correr cidades pequenas e grandes, populosas e meio perdidas no mapa, e principalmente os subúrbios dessas cidades. Mas fazia apresentações também em pequenos teatros e na estrada, nos salões de churrascarias, com

uma plateia alegre de caminhoneiros e gente do lugar. Quem assistia a seu show saía recompensado. E feliz. Com a certeza de que assistira à performance de um grande mágico. Adorava essa vida. Já a avó e o pai de Goíshe reclamavam das ausências dele. Mas, quando ele parou de fazer mágicas, ficou triste. E morreu pouco depois. Goíshe tinha 9 anos nessa época. Ficou muito sentido. Ele o amava muito, muito, e sentia falta dele todos os dias. (Foi, aliás, por causa dessas lembranças do avô que começou a ganhar familiaridade com essa coisa de sentir saudade, mesmo sem usar, ainda, a palavra.) E tinha orgulho do avô, como se ele tivesse sido um Dom Quixote no mundo de hoje. Um herói.

Entre outras coisas, ele guardava esse seu sonho, tão estimado, de ser um mágico mambembe, em segredo, porque não teria como explicar que não queria ser goleiro, algo que todos achavam que fazia muito, muito bem, algo que tantos garotos da idade dele gostariam de se tornar – jogador de futebol –, ainda mais com toda a admiração que tinham pelo talento dele para agarrar no gol... Queria, em vez disso, virar um mágico, coisa que nunca praticara. Que nunca fizera, e que só sabia como era pelas histórias do avô. Histórias que os outros – pai, mãe, avó – não gostavam de que o avô contasse para o neto. E que ele acabou só contando escondido. Virou um segredo deles dois.

De fato, não conseguiria explicar essa história de se tornar um mágico pelas estradas, nos postos de gasolina, nas fazendas e cidades pequenas, ou até mesmo em circos que jamais seriam lembrados. Nem a ninguém nem a si mesmo.

Era segredo.

Talvez fosse só porque adorava o avô e as histórias que ele costumava contar. Ou talvez fosse – era assim que dizia Goíshe, de si para si – porque sentisse a mágica dentro de si.

Mas, retornando ao *primeiro episódio*, lembro que a reação de Goíshe foi sentir-se perturbado. Aquilo o deixou muito confuso. Ele não gritava quando ficava confuso ou espantado. Não fazia escândalo. Pelo contrário, ficava quieto, tentava entender. Só que, como ia entender *aquilo*?

... Quer dizer, logo que leu (releu algumas vezes) o que apareceu escrito no bloco, ele sentou-se na mureta de pedra do chafariz, que circundava o espelho d'água, e ficou pensando, pensando...

Era assim: a mureta de pedra, o espelho d'água, daí a base do chafariz, uma plataforma da mesma pedra, com as colunas, sempre com a mesma pedra, nas quatro quinas da base, tendo cada coluna uma garça de bronze. Daí a copa, de onde saía o obelisco; copa e obelisco da mesma pedra. Da copa era que brotava a água e, na face sul do obelisco, havia uma placa de pedra, cuja inscrição o passar do tempo, a chuva e a poeira praticamente tinham apagado. Mas ainda dava para ver que havia uma figura em alto relevo (e, na época, Goíshe já sabia o que era, uma ninfa, uma criatura antiga, um ser de outro mundo, morando no nosso mundo, protetora daquele chafariz); e tudo isso no centro da praça.

Permaneceu lá, sentado, minutos sem fim, observando o pipoqueiro, que sequer o havia notado nem nada do que acontecera. Podia ser um feiticeiro disfarçado. Quando era menor, Goíshe achava que todo pipoqueiro – que fazia a mágica de jogar grãos secos num caldeirão fervente de onde brotavam tufos de pipoca – fosse um feiticeiro disfarçado. Acreditava que isso de fazer pipoca era mágica. Amava os pipoqueiros. Era vê-los na rua e, bem, bem pequeno ainda, apontava, ria, pulava, corria para eles. Achavam que ele adorava pipocas. Também. Mas adorava mesmo eram os pipoqueiros.

Talvez isso de pipoca fosse mesmo mágica. E, logo quando ia fotografar pela primeira vez na vida a mágica da pipoca, no momento em que ia acontecer, aconteceu *aquilo*...

“Hum...”, pensou preocupado, “já queimaram gente em fogueiras por menos. Vi uns filmes com cenas dessas...! Uiii! Churrasco de gente!... Se bem que, hoje em dia, acho que somente internam o cara... Ou ficam gozando dele pelas costas, no colégio... Ou nem tão pelas costas... Hum...”

Foi pensar nisso e sentiu medo mesmo. Muito medo. De pegar na máquina, no bloco de espiral e na caneta de novo.

“E se eu desmontasse essa maquininha pra ver o que tem dentro?”, pensou.

Mas não ia desmontá-la. Não ia saber montar de volta e tinha desejado tanto aquela máquina, como ia perdê-la agora? Além disso, seus avós iam ficar sentidos de ele tratar o presente deles como brinquedo. E os pais iam ficar furiosos, dar-lhe uma bronca danada, dizer que ele ainda não tinha juízo o bastante para ganhar um presente mais caro.

Aliás, tinham dito isso. Que ele ia acabar quebrando o presente. Mas os avós (pai e mãe da sua mãe), por teima, por querer confiar no neto, deram assim mesmo. É como são os avós, teimosos, generosos... Os avós são assim.

“Mas, eu quebrei a máquina, não quebrei?”, pensou. E lembro muito bem que pensou, ainda: “Bem, nem sei. Mas funcionando, não está”. Decidiu não dizer a ninguém, nem mexer demais na máquina fotográfica. Tinha o que todas continham, uma super-resolução, zoom, flash embutido. Mais uma montoeira de truques. Uma memória que não acabava mais. Claro, filmava também. “E se eu filmar, que loucura irá dar?”, pensou. Levinha, pequena, de um cromado vermelho cintilante. Linda. Ele a girou nas mãos. Encarou a telinha da câmera. Podia tentar de novo, não podia?...

Foi quando escutou... do lado dele. Invisível. Mas ele escutou. Uma risadinha. Uma risadinha. Nada de malvada, não. Uma risadinha como se alguém tivesse lido seus pensamentos.

Ergueu-se da mureta de pedra de um salto. E ficou encarando aquele espaço na mureta ao lado de onde ele estava

sentado. O espaço vazio. Teve a tentação (quem sabe o que lhe deu essa ideia ou quem?) de fotografar aquele espaço vazio.

Mas também não fez isso. Estava mais assustado ainda.

Remexeu nos cabelos, olhou para todos os lados, agora com vergonha – e se alguém tivesse visto ele se levantar dali de um salto, assustado como se tivesse sido picado... por cobra? Escorpião? Mas, era uma praça rodeada por prédios, com lojas térreas à beira da rua e apartamentos acima; ela tinha um formato irregular, nem bem quadrado nem bem hexágono. Cercada, em todas as bordas, por ruas, por tráfego de carros, pontos de ônibus, e atravessada, sem cessar, por gente apressada. Por gente estropiada. Por gente desligada. Por gente matutando problemas e besteiras. Preocupada com as contas. Ou em descobrir finalmente por onde andava seu grande amor, que ainda não tinha aparecido em sua vida. Por gente com fome. Com calor. Gente e mais gente, cachorros e gatos, vadios ou domésticos, pombos, montoeiras de pombos e o escambau...! Ninguém o notou. Era cidade, pura cidade; agito urbano, tudo urbano; e em cenários assim não existem cobra nem escorpião, e, aliás, ele não fora picado por bicho nenhum. Saltara impelido pelo susto. Uma risada invisível bem nas suas costas. Bem no seu cangote. Como não levar um susto?

Mas como? Escutara algo invisível? Bem, sabia que tinha escutado alguma coisa.

Ou não tinha? Uma risadinha... E podia jurar que vinha de uma garota. Como se ela tivesse se erguido um pouco da água, junto dele, praticamente se debruçando, apoiada em seus ombros. Quase o tocara, agora ele sentia. “Não era para eu sentir nada! Não posso... não pode ser, não pode!”, pensou. O toque dela ficara no ombro dele, ainda podia intuí-lo. Não a vira se debruçando, mas pressentira. Teria ela feito isso para conseguir olhar bem no fundo de seu cérebro, por debaixo do seu couro cabeludo, dentro do seu crânio, dos

seus miolos, para enxergar seus pensamentos? Teria? Como se os olhos brilhantes dela pudessem ter enxergado seus medos, seus impulsos, seus recuos...?

E daí ela soltara essa risadinha. Não era deboche. Era de quem estava achando engraçado. Ele sabia. "Sei, como? Sei é nada!"

Ficou ainda um instante olhando aquele espaço, na parede. Como se tivesse mesmo alguém ali. Veio de novo a vontade de fazer a foto: "Do quê? Não tem nada ali", pensou.

Então, sentiu um cansaço, uma vontade de estar em outro lugar. Sem saber onde. Um outro lugar. E saiu, se arrastando, para casa.